

Mudanças sociais levam donas-de-casa à chefia do lar

Bruna Talarico

Para 11 milhões de mulheres no país, o dia delas, sexta-feira, não teve festa

O dia da empresária Renata Garofalo, 32 anos, começa cedo. Às sete da manhã ela acorda o filho Miguel, de 2 anos e meio, serve o o café-da-manhã e sai correndo da casa, em Vila Isabel, para deixar a criança na creche, na Pechincha. Depois parte para a Taquara, onde tem um escritório, pega seu material de trabalho e vai para a rua. Às 19h, após um dia de vendas pessoais e consultoria de imóveis, que a levam por toda a cidade, volta para casa para lavar e passar roupa, cozinhar, cuidar do filho e fazer companhia ao marido, Alexandre Nascimento, 35 anos, que tem uma rotina tão intensa quanto à sua.

Protagonista de dia-a-dia atribulado, no qual o papel de mãe, mulher, trabalhadora e dona-de-casa se misturam o tempo todo, Renata é uma das cerca de 11 milhões de mulheres responsáveis por domicílios em todo o país, de acordo com o último censo do IBGE. Elas representam um novo modelo da antiga Amélia, cujo dia foi comemorado na última sexta-feira, dia 31 de outubro, sem que ninguém lembrasse, e que agora deixa a tranquilidade da casa para tentar ganhar espaço e reconhecimento na sociedade.

Não é mole não. O Miguel sente falta de mim e do Alexandre, que trabalha fora de dia e faz faculdade de noite – conta a dona-de-casa, que apesar de acreditar que a pressão e o caos constituam apenas uma fase, se sente no limite e deixada de lado nas próprias prioridades. – É difícil, mas a gente tenta ser uma supermulher. Eu posso dizer que estou anestesiada, já faço as coisas no automático. Quando deito na cama, bato e durmo de tão cansada. Mas não me considero estressada, e sim estafada.

Para a socióloga Bila Sorj, a adoção pelas donas-de-casa modernas de atividades profissionais no setor informal é decorrente de uma preocupação cada vez maior com a família, já que o horário passa a ser flexível e a mulher pode se dedicar também à casa, aos filhos e ao marido. Ainda segundo a socióloga, o panorama da dona-de-casa de hoje pode ser representado pela dedicação não mais exclusiva às tarefas domésticas, que perdem espaço para os cuidados com os filhos e com o lar.

A dona-de-casa moderna vive hoje uma situação de maior pressão e estresse. Apesar da inserção da mulher no mercado de trabalho, ela ainda continua responsável pela realização de todas as tarefas de casa e de cuidado com os filhos praticamente sozinha – afirma Sorj, que acredita que a mulher passou a conciliar as atividades remuneradas com as de casa por conta de uma crise generalizada. – A sociedade aceita e entende esse contexto, já que a mulher não conta com a ajuda do Estado ou mesmo do parceiro para cuidar da família. O que também faz com que a mulher encare essa enorme dificuldade como uma coisa positiva.

Fonte: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 3 nov. 2008, Primeiro Caderno, p. A14.